

médio de urédias/lesão na face inferior, foi de 3,87. Em soja anual, encontraram-se, em média, 13 lesões cm², com coloração marrom escuro e tamanho médio de 1,05 x 0,68 mm, sendo 4,95 o número médio de urédias/lesão, na face inferior. Em feijão-de-lima, encontraram-se, em média, 34 lesões/cm², com coloração marrom claro e tamanho médio de 0,98 x 0,79 mm, sendo 4,94 o número médio de urédias/lesão, na face inferior. Em lab-lab, encontraram-se, em média, 10 lesões/cm², com coloração marrom avermelhado e tamanho médio de 1,59 x 1,27 mm, sendo 10,28 o número médio de urédias/lesão na face inferior.

O número médio de urédias/lesão na face ventral da superfície foliar do feijão-de-lima foi 0,16; para o lab-lab foi 0,1. Não foram encontradas urédias na face ventral da superfície foliar de soja anual e de soja perene.

167. A MANCHA MARROM OLEOSA DOS FRUTOS CÍTRICOS. H. O. Vasconcellos¹ e C. F. Robbs² (¹PESAGRO—Rio; ²UFRRJ, Bolsista do CNPq). **The brown oily spot of the citrus fruits.**

Vem sendo constatada com certa freqüência nos municípios citrícolas da Baixada Fluminense a presença de uma lesão de cor marrom oleosa em frutos de cultivares tardios de laranja, tais como: “valência”, “folha murcha” e “lima verde”. As lesões têm início por uma série de pontuações de cor verde-clara nas casca de frutos ainda novos (5 a 10 cm diâmetro). Segue-se um extravasamento das células de óleo com o rompimento da película, adquirindo finalmente a lesão um aspecto deprimido, cor marrom brilhante e bordos limitados. As lesões poderão atingir na sua maior dimensão 5 cm, situando-se geralmente na região equatorial sem penetrar no albedo do fruto. Nesse estágio final lembra a lesão causada pelo ácaro da “ferrugem”, *Phyllocoptruta oleivora* (Ashm.). Frutos afetados poderão cair prematuramente.

Exames microscópicos procedidos em laboratório não revelaram a presença de quaisquer microorganismos associados à lesão durante os vários estágios de desenvolvimento. Tratamentos periodicamente realizados com acaricida específico (dicofol), não impediram o aparecimento das lesões. Também foi afastada a possibilidade de tratar-se de mancha de atrito. FAECETT & KLOTZ (The Citrus Industry vol. II, pg. 522, 1948) referem-se à “manche da casca de laranja valência” (valência rind spot) comum aos pomares da região costeira da Flórida, e com sintomatologia semelhante à “mancha marrom oleosa”. SLOOP (Citrus Leaves 22 (10) : 15–22, 1942) associa a enfermidade observada na Flórida a condições de temperatura e umidade elevadas. Possivelmente, em nossas condições, temperatura e umidade elevadas associam-se a algum outro fator de “stress” ainda não conhecido, induzindo a sintomatologia observada.

168. ETIOLOGIA DA PODRIDÃO DAS RAÍZES DA PIMENTA-DO-REINO NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. J. A. Ventural¹, F. C. Albuquerque² & Solane R. Ribeiro¹ (¹EMCAPA; ²CPATU/EMBRAPA). **Etiology of the root rot of black pepper in the state of Espírito Santo.**

Com a expansão da cultura da Pimenta-do-reino (*Piper nigrum* L.) no Estado do Espírito Santo, tem-se observado a ocorrência generalizada de uma enfermidade nos municípios de Boa Esperança, Nova Venécia, São Mateus e Linhares, caracterizada por uma podri-

dão radicular, atingindo o coleto e, como consequência, provocando murcha e morte da parte aérea.

O isolamento do patógeno foi realizado a partir de tecidos infectados. Para os testes de patogenicidade, conduzidos em casas de vegetação, usaram-se mudas enraizadas com 20–45 cm de comprimento, possuindo 4–6 entrenós, tendo os testes consistidos em: 1) inoculação de ramos, em 10 mudas, fazendo-se nos entrenós, pequenos ferimentos longitudinais, nos quais foi introduzida uma porção de micélio de fungo com 12 dias de idade, desenvolvido em meio BDA; 2) Raízes sadias de 10 mudas depois de lavadas, foram feridas e imersas em uma suspensão de 5×10^4 conídios/ml, durante 5 minutos, sendo plantadas, em vasos com solo esterilizado. Nas testemunhas, usou-se respectivamente porções do meio de cultura sem fungo e água destilada esterilizada.

Dez dias após, verificou-se nos ramos inoculados uma podridão nos tecidos, que começou a desenvolver-se em volta dos ferimentos, evoluindo rapidamente por todo o entrenó. As mudas que tiveram suas raízes imersas na suspensão de conídios, começaram a exibir sintomas de clorose, murcha e queda prematura das folhas e entrenós terminais, apresentando seu sistema radicular intensamente destruído. As plantas das testemunhas continuavam desenvolvendo-se normalmente, não exibindo sintomas da doença. Os resultados evidenciaram o agente etiológico da doença como sendo o fungo *Fusarium saloni* f. sp. *piperis*, tendo sido reisolado das plantas inoculadas, apresentando capacidade de infectar tanto o sistema radicular quanto os ramos da pimenta-do-reino. Nos tecidos infectados, tanto em condições de campo como em casa de vegetação, não foi possível observar a formação de peritécios.

169. EFEITO DA LESÃO DO ÁCARO (*Dolichotetranychus floridanus* Banks) NA INFECÇÃO DE *Fusarium moniliforme* var. *subglutinans* EM FOLHAS DE ABACAXIZEIRO. J. A. Ventura¹, R. J. Arleu¹, L. A. Maffia² & A. C. Nóbrega¹ (¹EMCAPA, Vitória, ES; ²UFV, Viçosa, MG). **Effect of the mite (*Dolichotetranychus floridanus*) lesion on the infection by *Fusarium moniliforme* var. *subglutinans* of pineapple leaf.**

O ácaro *Dolichotetranychus floridanus* (Banks 1900) Sayed 1938 (Acarina, Tenuipalpidae) é uma espécie encontrada em quase todas as regiões produtoras de abacaxi, incidindo na base das folhas, tanto em plantas adultas como em mudas usadas para o plantio, onde causa lesões de coloração marrom e que, dependendo da população desses ácaros, se espalham ou coalescem. No Brasil, vários pesquisadores têm associado a infecção de *Fusarium moniliforme* var. *subglutinans* às lesões causadas por este ácaro, afirmando a obtenção de resultados promissores no controle da fusariose através de pulverizações com acaricidas.

Folhas de abacaxizeiro cv. Smooth cayenne apresentando, em sua base, lesões causadas pelo pácaro. *O. floridanus*, foram inoculadas com um isolado patogênico de *F. moniliforme* var. *subglutinans*. Nos tratamentos, que constaram de 4 repetições com 10 folhas em cada uma, procedeu-se à inoculação das lesões com e sem ferimento, sendo que, naquele, efetuou-se a punctura de lesões, fazendo-se 5 perfurações com alfinete entomológico. Em ambos os tratamentos, colocou-se uma gota da suspensão do fungo ajustada para 10^4 conídios/nl. Na testemunha, utilizou-se água destilada estéril.

Não foi possível obter infecção por *F. moniliforme* var. *subglutinans* nas inoculações das lesões de ácaro sem ferimentos, ocorrendo infecção apenas quando se inoculou o patógeno nas lesões com puncturas.